

A CONTRIBUIÇÃO DO DESIGN GRÁFICO PARA A PROMOÇÃO MIDIÁTICA DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BRASIL

THE CONTRIBUTION OF GRAPHIC DESIGN TO THE MEDIA PROMOTION OF THE INDIGENOUS MOVEMENT IN BRAZIL

Recebido em: 30/08/2023

Reenviado em: 12/08/2024

Aceito em: 28/08/2024

Publicado em: 14/10/2024

Marina de Andrade Fávaro¹ 
Universidade Católica de Campinas

Tarcisio Torres Silva² 
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: O presente trabalho analisa os movimentos sociais indígenas no Brasil, a partir da perspectiva do design gráfico. Esta linguagem, que vem contribuindo para dar maior visibilidade à causa, tem ganhado força por meio de artistas, designers e ilustradores no *Instagram*. No entanto, recentemente, veículos da mídia tradicional passaram a incorporar o design em suas produções, com o intuito de atrair a audiência em meio ao bombardeamento de conteúdo nas redes, mas também com a finalidade de sintetizar informações através da imagem. Como método, mapeamos e identificamos os principais profissionais atuantes nesse contexto, bem como a repercussão de seus trabalhos de design na mídia tradicional, objetivando compreender sua importância para alavancar a causa indígena nos veículos noticiosos. Observamos que, apesar do design não aparecer frequentemente na mídia tradicional, sua presença tem contribuído para dar visibilidade ao movimento indígena, ainda que nem sempre com a profundidade necessária para a melhor compreensão da sociedade sobre as demandas dos povos originários.

Palavras-chave: Design; Movimento indígena; Jornalismo, Estetização; *Instagram*.

Abstract: This paper analyzes indigenous social movements in Brazil from a graphic design perspective. This language, which has contributed to give greater visibility to the cause, has gained strength through artists, designers and illustrators on *Instagram*. However, recently, traditional media vehicles have started to incorporate design in order to attract the audience in the midst of the bombardment of content on the networks, but also with the aim of synthesizing information through image. As a method, we mapped and identified the main professionals working in this context, as well as the repercussion of their design works in the traditional media, aiming to understand their importance to leverage the indigenous cause in the news vehicles. We observed that, although design does not appear frequently in the traditional media, its presence has contributed to giving visibility to the indigenous movement, although not always with the necessary depth for a better understanding of society about the demands of the indigenous.

Keywords: Design; indigenous movement; Journalism, Aestheticization; *Instagram*.

¹ Graduanda em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e bolsista de Iniciação Científica FAPESP (processo 2022/07430-0). E-mail: marina.af@puc Campinas.edu.br

² Doutor em Artes Visuais. Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

INTRODUÇÃO

O *Instagram*, rede social que tem como base o compartilhamento de fotos e vídeos, é uma das principais ferramentas de divulgação de design ativista no Brasil. É nesse cenário que se destaca a atuação do *Design Ativista* (@designativista). Um projeto idealizado pela *Mídia NINJA* e *IdeaFixa* durante as eleições de 2018, com a finalidade de incentivar a criação e a distribuição de design gráfico atrelado a ideias sociais e políticas.

Sendo uma ação social com efeitos no coletivo, o design colabora para a visibilidade de narrativas não hegemônicas nas redes, como a indígena. Ao tornar determinadas causas mais notórias, o design contribui para assegurar os interesses democráticos, haja vista que favorece a discussão de acontecimentos do país e do mundo, além de dar visibilidade às pautas principais e datas significativas do movimento em questão.

É através das ferramentas digitais que o ativismo transcende os limites e as barreiras geográficas. Nesse sentido, a apropriação das tecnologias é uma das características do atual ativismo indígena, que utiliza os veículos comunicacionais como espaço de voz, resistência, memória e denúncia, além de combater preconceitos e estereótipos. Ao levar os movimentos sociais – através do design, por exemplo – para as redes sociais, nota-se a evidente repercussão entre os cidadãos.

Também é importante considerar que devido ao potencial criativo das imagens veiculadas e a lógica do algoritmo nas redes, as peças podem ter grande poder de alcance, o que potencializa a visibilidade da bandeira indígena. Como indica Silva (2021), o design gráfico como função social ganhou expressividade no mundo digital com movimentos como o *Design Ativista*, tornando determinadas causas mais acessíveis e acessadas. E, para além da repercussão no *Instagram*, os veículos da mídia tradicional também utilizam o poder do design nas matérias noticiadas, o que revela o espaço e, conseqüente, repercussão que o design ganhou nos últimos anos.

Ao elaborar a teoria sobre a cultura da convergência, Henry Jenkins (2009) afirma que há uma demanda verbal e visual no ciberespaço, haja vista que existe uma clara interação de mensagens, ideias, valores e conteúdos entre indivíduos e mídias e, com isso, há uma transformação social na forma de produzir e consumir as informações, o que acaba impactando a atividade jornalística. Partindo dessa premissa, em que há uma ‘explosão’ de conteúdos e um uso excessivo de imagens, o jornalismo passou a se apropriar e incorporar outros recursos e

linguagens - especialmente visuais - para atrair o público, vide que as figuras podem ser capazes de criar conexões mais claras, duradouras e atrativas do que as palavras escritas ou faladas.

Além disso, há de se considerar o design da informação, cujo objetivo é “organizar e apresentar dados, transformando-os em informação com sentido e valor” (QUINTÃO; TRISKA, 2014). De acordo com a Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI), o design da informação é uma área do design que tem como propósito “a definição, planejamento e configuração do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer as necessidades informacionais dos destinatários pretendidos e de promover eficiência comunicativa” (SBDI, 2020). A finalidade do design da informação é, sobretudo, sistematizar as informações de modo visual, prezando pela eficácia na transmissão das mensagens, o que pode contribuir, como mencionado anteriormente, para alimentar a demanda ocasionada pelos novos fluxos comunicacionais.

Esse fenômeno está intrinsecamente relacionado ao jornalismo, haja vista que ambos têm o objetivo de comunicar informações de modo claro e eficaz. No jornalismo, o design da informação contribui na organização e apresentação dos dados e informações de modo a atrair o público de forma atraente, com a finalidade de facilitar a compreensão de notícias complexas, por meio de gráficos e elementos visuais. Em outras palavras, o alinhamento entre o conteúdo e a forma é essencial para captar a atenção do leitor e garantir, portanto, que a mensagem seja transmitida de maneira precisa.

Feitas essas considerações sobre a relação do design com o jornalismo, interessa-nos neste trabalho principalmente o design gráfico, em que informações visuais e verbais são organizadas esteticamente a fim de otimizar a comunicação. E ainda, por citarmos profissionais que também produzem trabalhos artísticos, as artes visuais também farão parte da análise. Assim, consideraremos diferentes abordagens visuais que aparecem em conjunto com as informações jornalísticas sobre os povos indígenas.

Dividido em introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise e considerações finais, o presente trabalho busca compreender e analisar o uso do design gráfico em textos noticiosos sobre o movimento indígena no Brasil e mundo. O artigo explora a apropriação de recursos visuais e gráficos pelo jornalismo para favorecer a sensibilização da audiência e, conseqüentemente, a visibilidade da luta indígena. Mas, por outro lado, o trabalho também questiona se esse fenômeno pode incentivar a estetização e a espetacularização do movimento social, o que pode tornar as discussões superficiais e esvaziar o sentido da luta em questão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entendemos o jornalismo como uma instituição social responsável por defender e assegurar os direitos democráticos dos cidadãos e que, desde o seu surgimento, se reinventa, a fim de cativar a audiência. No final dos anos 80, surgiu um novo modelo de jornalismo nos Estados Unidos: o jornalismo cívico ou público, cuja proposta era “recuperar a confiança dos cidadãos, promover a participação desses na vida pública, facilitar o debate e ajudar a encontrar soluções para problemas comunitários locais” (SCORTEGAGNA, 2015, p.15).

Notamos, portanto, que a base deste modelo de jornalismo se concentra na importância do contato com o público e no fortalecimento da democracia. Esses aspectos são sustentados, ainda hoje, a partir de matérias e reportagens com ênfase nos grupos sociais minoritários, como negros, LGBTQIAP+ e indígenas – sendo este último, o foco deste trabalho. Mesmo porque, como destaca Maria da Glória Gohn, com relação à América Latina, são os movimentos indígenas que “têm dado novo sentido aos problemas sociais da região e chamado atenção no plano global” (GOHN, 2012, p. 69), o que reforça os parâmetros estabelecidos pelo jornalismo cívico.

Sobre o jornalismo cívico, Celina Alvetti e Zanei Barcellos (2007) destacam que ele:

Tem como proposta o resgate dos ideais do Jornalismo independente de interesses econômicos e políticos, visando a cidadania e a defesa das causas de seus cidadãos. Na prática, isso significa fazer uma cobertura que atenda aos direitos dos indivíduos, tratando a informação de modo que ela contribua para que os receptores sejam conscientes de seus direitos em uma sociedade democrática (ALVETTI; BARCELLOS, 2007, p. 2).

Nelson Traquina (2005) ainda diz que “baseado na convicção de que a chamada crise da democracia só pode ser resolvida pelo jornalismo, o movimento do jornalismo cívico entende que o jornalismo não pode oferecer apenas o que é interessante, mas, sobretudo, o que é importante para os cidadãos” (TRAQUINA, 2005, p. 210).

Como citado anteriormente, ainda hoje, notamos características do jornalismo cívico em matérias e reportagens veiculadas na mídia tradicional e independente. No entanto, para além dessas características, atualmente, o jornalismo também se apropria de linguagens e recursos com a finalidade de conquistar e fidelizar a audiência. Prova disso, por exemplo, é o uso de designs e artes gráficas em textos noticiosos, vide que esse tipo de linguagem é atrativo aos olhos humanos, o que chama atenção e causa o interesse do leitor.

De acordo com Itanel Quadros, “a própria atividade jornalística no meio impresso exigiu o desenvolvimento de técnicas visuais-gráficas que propiciassem uma apresentação mais atraente e um entendimento mais rápido da notícia” (QUADROS, 2004, p. 2). Antes, o cuidado era voltado para a diagramação das páginas dos jornais, a fim de que eles tivessem destaque nas bancas. Atualmente, é voltado para a incorporação de elementos visuais, como infografias e designs, objetivando também conquistar a audiência em meio a tanto conteúdo midiático. Em alguns casos, os designs, como citado anteriormente, são denominados ‘da informação’, haja vista que organizam as informações de modo visual e atrativo aos olhos do leitor.

Cabe destacar que o design gráfico acompanha as manifestações sociais desde ao menos o início do século XX e, ao longo do tempo, passou a servir como artifício capaz de propagar bandeiras e sugerir rupturas. Ruben Pater (2020) aponta que o design pode ter funcionalidades para além da comercial, contribuindo para a manutenção de mecanismos de poder, mas também de forma propositiva, com a propagação de mensagens que dão visibilidade a outras maneiras de ser e de pensar.

Ainda que exista a função social do design, observamos que esse papel pode se tornar secundário. De acordo com Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), a sociedade contemporânea é atravessada pela lógica do capitalismo artista e do hiper-espetáculo e, com isso, o mercado passa a valorizar apenas aquilo que é agradável à mente dos consumidores. Sobre a nova dinâmica, os autores ponderam que:

Assim o capitalismo artista não só criou uma economia estética, mas pôs em movimento uma sociedade, uma cultura, um indivíduo estético de um gênero inédito. A estética se tornou um objeto de consumo de massa ao mesmo tempo que um modo de vida democrático. Isso para o bem e para o mal. O bem está no universo cotidiano cada vez mais remodelado pela operatividade das artes, pela abertura de todos os prazeres do belo e das narrações emocionais; o mal, numa cultura degradada em show comercial sem consciência, numa vida fagocitada por um consumismo hipertrofiado (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 298).

É, portanto, neste cenário que notamos a estetização do mundo e, inclusive, dos fenômenos sociopolíticos, como pode ser o caso dos designs utilizados em textos noticiosos sobre o movimento indígena. Autores como Gohn (2018), Lucas Milhomens (2018) e Poliene Bicalho (2010) destacam que a participação dos indígenas na mídia é um forte aliado no que diz respeito à mobilização e conscientização da sociedade em relação ao movimento indígena, que se concentra na luta por direitos políticos e sociais, pela conquista de igualdade de direitos em relação aos demais cidadãos e pela defesa do direito à diferença cultural. Taís Salomão

(2021) ressalta que o design ativista amplia consideravelmente a pauta dos movimentos indígenas no Brasil. Ainda assim, notamos que a estetização deste fenômeno sociopolítico é presente.

Sendo um importante ator social, o jornalismo não está isento de ser atravessado pelo fenômeno do hiper-espetáculo. Damasceno (2015, p.109) define que, na contemporaneidade, se procura “o encantamento estético diante de uma profusão de conteúdos” e, em muitos casos, é justamente isso que o jornalismo procura: encontrar recursos e linguagens para cativar a audiência, já que estamos inseridos em uma lógica de constante difusão de conteúdos e notícias.

METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender a complexidade e a diversidade da temática em questão, realizamos a revisão bibliográfica sobre o movimento social e o movimento indígena no Brasil contemporâneo, com destaque para os aspectos históricos, comunicacionais e midiáticos, a partir de Bicalho (2010), Gohn e Milhomens (2018), Lipovetsky e Serroy (2015), Salomão (2021), entre outros.

Em uma primeira etapa da pesquisa, analisamos o fenômeno do design ativista indígena no *Instagram*. Intitulado “Design e ativismo indígena no Brasil” (FÁVARO, SILVA, 2022), o trabalho identificou e investigou o design ativista indígena, a partir das publicações do coletivo *Design Ativista* (@designativista) entre os anos de 2019 e 2022 destinadas à temática.

No nosso recorte temporal, que coincidiu com a gestão governamental do até então presidente da República Jair Messias Bolsonaro, o coletivo *Design Ativista* se apresentou de maneira ativa no *Instagram* e o perfil funcionou como um instrumento ativo de oposição ao governo. Na ocasião, mapeamos e identificamos os principais atores da causa, sejam designers, ilustradores e artistas indígenas ou não-indígenas, a fim de compreender a complexidade do fenômeno.

Ao realizarmos essa primeira etapa da pesquisa, compreendemos que o design ativista dialoga com o movimento indígena, à medida que contribui para pautar temas com pouca visibilidade na mídia tradicional. Durante o período analisado, por exemplo, identificamos a utilização de design em ações orquestradas e espontâneas que marcavam momentos e datas significativas para o movimento indígena no Brasil. Esse tipo de linguagem impulsiona as práticas de midiativismo e colabora para a complexidade visual da causa indígena, pois promove a articulação e repercussão das imagens nas redes sociais e para além delas.

Partindo da premissa que o design também é incorporado pelo jornalismo para atrair o público, em uma segunda etapa desta pesquisa, analisamos a repercussão do design ativista indígena nos veículos da mídia tradicional. Afinal, a análise em questão buscava, sobretudo, compreender e considerar a projeção do design ativista indígena para além do próprio *Instagram*, que foi o nosso primeiro objeto de estudo.

A partir do mapeamento de designers, ilustradores e artistas indígenas ou não-indígenas utilizado na primeira parte da pesquisa, identificamos notícias com artes gráficas e as listamos, a fim de obtermos um panorama geral da repercussão dessa linguagem no jornalismo. Para tanto, nesta etapa, utilizamos recursos como o Google Notícias e Google Imagens e a busca através de palavras-chave (por exemplo, o nome dos designers) para a identificação. A partir disso, analisamos as matérias e reportagens individualmente com base nos critérios de tipo de veículo (tradicional ou independente; nacional ou internacional), aprofundamento e ênfase das matérias, com a finalidade de evitar analisar textos caracterizados pela superficialidade noticiosa, mas também objetivando encontrar casos interessantes para serem analisados diante da união entre o design e jornalismo.

Selecionamos e analisamos, portanto, 3 profissionais: Cristiano Siqueira (@crisvector), Jefferson Corsi (@jeffcorsi) e Moara Tupinambá (@moaratupinamba). Essa escolha se sustenta porque os nomes citados vêm ganhando notoriedade no cenário midiático – tanto no que diz respeito às redes sociais quanto aos veículos noticiosos -, mas também porque os trabalhos deles figuram sob diferentes veículos e propostas, representando justamente o que procuramos ressaltar nesta pesquisa, porque, como dito anteriormente, apesar do jornalismo não incorporar frequentemente designs gráficos nos textos noticiosos, isso acontece e, particularmente, nos interessa. Nesse sentido, enquanto Moara Tupinambá é indígena e retrata temas como memória, identidade e pensamento anticolonial, Cristiano Siqueira e Jefferson Corsi ganharam notoriedade na mídia ao produzirem peças artísticas em tom de denúncia e oposição às ações governamentais do ex-presidente Bolsonaro.

Importante ressaltar que, apesar da listagem de matérias selecionadas previamente contar com outros designers, ilustradores e artistas, os três citados – Cristiano, Jefferson e Moara - foram o objeto de estudo e análise, porque as matérias nas quais figuram não apresentam características de texto noticioso superficial. Pelo contrário, conforme será abordado em seguida, as matérias apresentam propostas diferentes e interessantes – desde

denúncia até divulgação – a partir da união entre design e jornalismo, contribuindo para alavancar e projetar o movimento indígena no Brasil e no mundo.

ANÁLISE

Com mais de 120 mil seguidores no *Instagram*, Cristiano Siqueira (@crisvector), ou Cris Vector, é ilustrador e designer gráfico. Nos últimos anos, ele ganhou notoriedade ao produzir peças artísticas denunciando as ações governamentais do ex-presidente Bolsonaro, o que chamou a atenção de veículos independentes, como a *Mídia NINJA*. Ele produz designs sobre diversas temáticas, entre elas a indígena. Observando a repercussão do design ativista indígena do Cristiano Siqueira para além do *Instagram*, podemos citar dois casos:

- a) em maio de 2020, a *Mídia NINJA* divulgou uma entrevista (DOMÍNGUEZ, 2020) com a única mulher de origem indígena e periférica da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara Municipal de São Paulo, Juliana Cardoso. Apesar do foco da matéria não ser a questão indígena em si, é interessante observar que o designer a ilustrou com elementos que a caracterizam e a associam à causa indígena, como o cocar e pinturas faciais.

IMAGEM 1 – DESIGN DE CRISTIANO SIQUEIRA VEICULADO NA MÍDIA NINJA.



Fonte: <https://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/o-impeachment-depender-da-uniao-da-esquerda-e-da-direita-democratica-entrevista-com-juliana-cardoso/>

b) em junho de 2022, no contexto do desaparecimento do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips no Vale do Javari, a segunda maior terra indígena do Brasil, Cristiano Siqueira produziu uma arte gráfica que até hoje possui repercussão na mídia nacional [como *Amazônia Real* (BRASIL, 2022), *O Globo* (MERGULHÃO; ALFANO; ROCHA, 2022), *UOL* (BIMBATTI, 2022), entre outros] e internacional [como *The Guardian* (THE, 2022)]. Nesta situação, apesar dos protagonistas não serem indígenas, o movimento indígena é retratado de modo indireto, já que os atores estavam em uma expedição que buscava compreender a situação dos indígenas na região amazônica.

IMAGEM 2 - DESIGN DE CRISTIANO SIQUEIRA NO CONTEXTO DO DESAPARECIMENTO DO BRUNO PEREIRA (À DIREITA) E DOM PHILLIPS (À ESQUERDA).



Fonte:

https://www.instagram.com/p/Cee_QGFL3u1/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==

Em entrevista à *Folha de S.Paulo* (BARROS, 2022), Cristiano Siqueira explicou o que o motiva a produzir os designs: “muitas vezes eu dou um jeito de abrir espaço para produzir

pagina 9 de 18

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i3.819>

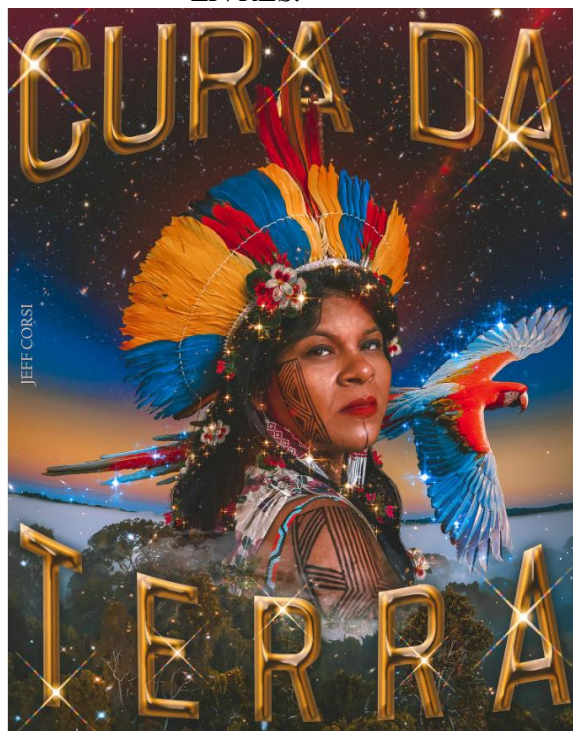
porque, simplesmente, o assunto não sai da minha cabeça. Em outras situações, eu dou apoio em alguma *hashtag* que a comunidade sobe na tentativa de pautar os assuntos nas redes sociais” (SIQUEIRA, 2022). Na mesma entrevista, quando abordado sobre o design produzido no contexto do desaparecimento do Bruno e Dom, ele afirmou:

O que me deixa com um sentimento de satisfação é ver que a ilustração serviu para aglutinar um movimento de cobrança pela investigação e justiça para Dom e Bruno. E também para chamar atenção para a situação de extremo risco a qual diversos outros profissionais que trabalham junto aos povos indígenas têm passado. Infelizmente, Dom e Bruno não foram as primeiras vítimas e talvez não sejam as últimas (SIQUEIRA, 2022).

Apesar de Cristiano Siqueira não se dedicar única e exclusivamente à causa indígena, quando ele produz designs sobre essa temática, eles acabam transitando entre a mídia tradicional e independente, o que mostra, sobretudo, o espaço e a relevância que esse tipo de linguagem vem conquistando nos últimos anos. Em outras palavras, o jornalismo passa a utilizar alguns recursos e linguagens para atrair o público. Nesse sentido, em ambos os casos, a fim de que a notícia tenha repercussão, notamos a soma do valor estético-atrativo ao valor jornalístico, uma vez que o design funciona como um dos instrumentos responsáveis por tornar a matéria mais atrativa aos olhos do público.

Assim como Cristiano Siqueira, o artista independente Jefferson Corsi (@jeffcorsi) produz designs sobre diversas temáticas, entre elas a indígena. Contabilizando mais de 30 mil seguidores no *Instagram*, ele participou do 93º ensaio do projeto “Futuro do Presente, Presente do Futuro”, dos *Jornalistas Livres*, em janeiro de 2021. Entre as personalidades retratadas, temos as indígenas Sônia Guajajara e Célia Xakriabá (PSOL-MG).

IMAGEM 3 - DESIGN DE JEFFERSON CORSI SOBRE A ATUAL MINISTRA DOS POVOS ORIGINÁRIOS, SÔNIA GUAJAJARA, PARA O PROJETO DOS *JORNALISTAS LIVRES*.



Fonte: <https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-93-jefferson-corsi-forcas-e-potencias-do-agora-e-do-futuro/>

Neste projeto, além de indígenas, Jefferson Corsi também retratou outras personalidades de diversas esferas da sociedade, como Criolo, Emicida, Ludmila, Marielle Franco, Viola Davis, entre outras. Nesse sentido, o que podemos observar é uma tentativa de aproximação dessas pessoas a partir de uma narrativa fundamentada na personalização de heróis e heroínas da sociedade brasileira. No depoimento anexado ao projeto dos *Jornalistas Livres* (SATO, 2021), Jefferson Corsi (2021) explicou qual a sua inspiração para retratar os povos indígenas:

Meu processo criativo começa muitas vezes na necessidade que eu sinto de dar visibilidade para temas e causas que acredito (...). Os povos originários são os verdadeiros donos dessa terra, isso junto com a necessidade de compartilhar informação sobre a importância de defender não só os povos originários, mas também a nossa fauna e flora, que anos após anos, vem sendo destruídas pela ganância capitalista (CORSI, 2021).

Ainda que Jefferson Corsi não possua expressiva presença na mídia tradicional e independente, em sua rede social, notamos que o artista segue produzindo ativamente designs em tom de defesa e exaltação aos povos originários, mas também de cobrança às autoridades

no que se refere aos direitos e deveres garantidos aos povos indígenas na Constituição Federal de 1988, como a demarcação de terras.

Do ponto de vista da repercussão do projeto dos *Jornalistas Livres* nos veículos de comunicação, apesar de Jefferson Corsi não retratar apenas personalidades indígenas, o projeto é interessante, porque ilustra a projeção do design como um instrumento jornalístico, haja vista que une o design ao jornalismo independente. Em outras palavras, esse projeto mostra como a combinação entre o design e o jornalismo pode ser imprescindível para impulsionar e dar visibilidade a pautas referentes aos povos indígenas.

Com mais de 26 mil seguidores no *Instagram*, Moara Tupinambá (@moaratupinamba) é mulher indígena e ativista visual com destaque no cenário midiático. Assim como a sua obra que percorre por temas como memória, identidade, ancestralidade, resistência indígena e pensamento anticolonial, as matérias nas quais o seu design é veiculado também procuram enaltecer essas temáticas, mas também, principalmente, divulgar o trabalho da artista, como é o caso da notícia veiculada na revista *Claudia* (MARACCINI, 2021).

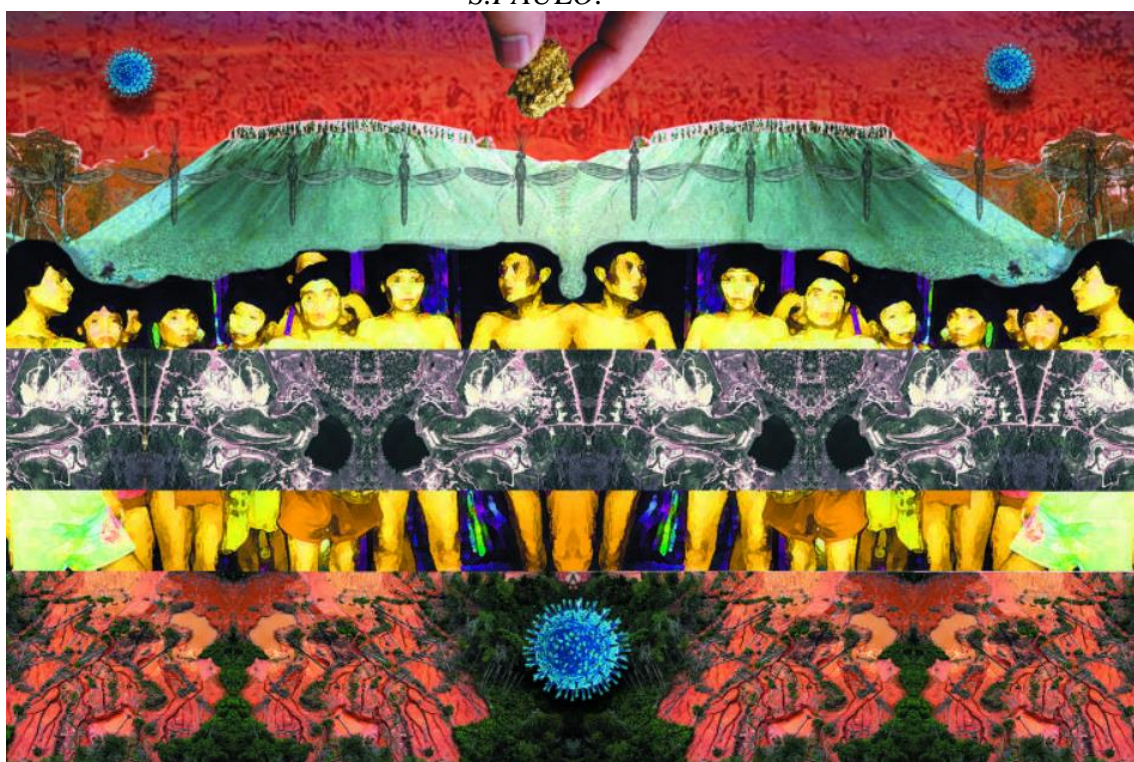
IMAGEM 4 - INTITULADO "NASCIMENTO DE VÊNUS", DESIGN DE MOARA TUPINAMBÁ VEICULADO NA *CLAUDIA*.



Fonte: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/artista-exprime-sua-origem-indigena-em-obras-empoderadas>

Em virtude da repercussão midiática em relação à situação dos povos Yanomami – um dos maiores povos indígenas da América do Sul ameaçados pelo garimpo ilegal no território -, a *Folha de S.Paulo* (NETO, 2023) divulgou uma matéria intitulada “Artistas indígenas criam ilustrações sobre o povo Yanomami: Conheça o trabalho das ativistas Renaya Dorea e Moara Tupinambá” em fevereiro de 2023. Aqui, o motivo principal do texto noticioso é alertar o público sobre a situação dos povos Yanomami, mas, mais do que isso, é divulgar o trabalho das artistas indígenas.

IMAGEM 5 - DESIGN DE MOARA TUPINAMBÁ VEICULADO NA *FOLHA DE S.PAULO*.



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/artistas-indigenas-criam-ilustracoes-sobre-o-povo-yanomami.shtml>

Ao realizar o mapeamento das matérias e reportagens levando em consideração os artistas indígenas, notamos que elas se caracterizam majoritariamente por apenas divulgar o trabalho destes artistas. Ou seja, o motivo principal dos textos noticiosos é pautado a partir dos trabalhos visuais dos artistas indígenas ao invés das pautas principais referentes ao movimento indígena, o que pode ser interessante, uma vez que estimula o protagonismo de indígenas no meio artístico.

É claro que, ainda assim, observamos que o design ativista indígena tem contribuído para pautar temas na mídia. Podemos citar, por exemplo, as ações orquestradas entre designers e a *Articulação dos Povos Indígenas do Brasil* (APIB) no que se refere à demarcação de terras indígenas. Durante os intensos protestos contrários ao Marco Temporal – ação do Supremo Tribunal Federal (STF) que pretende discorrer sobre a reivindicação de posse de terras dos povos indígenas – inúmeros designers, ilustradores e artistas publicaram artes em tom de crítica à ação.

Ainda dentro desta pauta do movimento indígena, também podemos citar trabalhos de design que aparecem na imprensa de forma indireta, por meio de fotografias em cartazes e faixas que aparecem juntamente com os participantes de movimentos sociais em manifestações, entrevistas ou assembleias. Na imagem abaixo, publicada pela *Carta Capital* (AFP, 2019), vemos ao centro a até então coordenadora executiva da APIB, Sônia Guajajara, durante um dos encontros da jornada “Sangue indígena: nenhuma gota a mais”, na cidade de Paris, na França, em janeiro de 2019. Abaixo dela e atrás, notamos a presença de peças de design feitas para a jornada com o logotipo da APIB.

IMAGEM 6 - SÔNIA GUAJAJARA (CENTRO) NA “JORNADA DE SANGUE: NENHUMA GOTAS A MAIS”.



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lideres-indigenas-apelam-a-europa-por-protexao-e-defesa-da-amazonia/>

Página 14 de 18

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i3.819>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, é possível concluir que o design pode cumprir a sua missão no âmbito social, uma vez que, conforme destacou Pater (2020), ele contribui para propagar bandeiras, sugerir rupturas e fortalecer narrativas não preponderantes nas mídias, como a indígena. Nos últimos anos, o design foi amplamente veiculado no *Instagram*, tendo o coletivo *Design Ativista* como ator de destaque; no entanto, recentemente, veículos da mídia tradicional passaram a incorporar esse tipo de linguagem com o objetivo de atrair a audiência, mas também com a finalidade de sintetizar informações.

Designers como Cristiano Siqueira (@crisvector) e Jefferson Corsi (@jeffcorsi), que ganharam destaque nos últimos anos em virtude das produções em tom de denúncia e crítica ao ex-presidente da República, tiveram os seus designs divulgados em mídias tradicionais e independentes. Nestes casos, notamos que as artes possuíam poder de síntese e adicionavam valor ao assunto divulgado, ou seja, o design passava a figurar como importante complemento à matéria. Além disso, projetos como o *Futuro do Presente*, *Presente do Futuro*, do *Jornalistas Livres*, mostram que a união entre o design e o jornalismo pode ser imprescindível para impulsionar pautas referentes aos indígenas.

Ao levarmos em consideração a repercussão do design produzido por artistas indígenas em textos noticiosos, concluímos que eles se caracterizam majoritariamente por divulgar os seus trabalhos. Nesse contexto, o motivo principal dos textos noticiosos é pautado a partir dos trabalhos visuais, o que pode, inclusive, estimular o protagonismo e visibilidade de indígenas no meio artístico e alavancar o movimento em questão. Em outras palavras, quando os artistas indígenas se tornam mais conhecidos na mídia, como é o caso de Moara Tupinambá (@moaratupinamba), os trabalhos visuais se tornam o motivo principal dos textos noticiosos e estabelecem papel principal.

Ressaltamos também que, se por um lado, a apropriação de recursos visuais e gráficos favorece a sensibilização da audiência e, portanto, a visibilidade da luta indígena, por outro, pode incentivar a estetização e espetacularização do movimento social, o que pode tornar as discussões superficiais e esvaziar o sentido da luta em questão. Ideia esta que foi defendida por Boris Groys (2017), uma vez que, segundo ele, ao considerar a utilização de elementos estéticos com proposição política, “o uso da arte para uma ação política necessariamente estetiza essa ação, transformando-a em um espetáculo e, portanto, neutralizando o efeito prático da ação” (GROYS, 2017, p. 206-207).

Fato é que, apesar de estimular a visibilidade e protagonismo indígena, matérias nas quais há design ativista indígena nem sempre possuem a profundidade necessária para melhor compreensão da sociedade sobre as demandas dos povos originários, haja vista que existe uma possível estetização e espetacularização do movimento social.

REFERÊNCIAS

AFP. Líderes indígenas apelam à Europa por proteção e defesa da Amazônia. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lideres-indigenas-apelam-a-europa-por-protecao-e-defesa-da-amazonia/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ALVETTI, Celina; BARCELLOS, Zanei. Jornalismo cidadão, uma proposta brasileira ao jornalismo cívico. Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, **VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul**, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0791-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARROS, WILLIAM. 'Quero ilustrar a derrota do bolsonarismo', diz autor de arte viral com Dom e Bruno. **Folha de S.Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/06/quero-ilustrar-a-derrota-do-bolsonarismo-diz-autor-de-arte-viral-com-dom-e-bruno.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6959>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BIMBATTI, Ana Paula. O que se sabe até agora sobre o assassinato de Dom e Bruno no AM. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/16/o-que-se-sabe-sobre-assassinato-dom-bruno.htm>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BRASIL, Kátia. Dom e Bruno: do trabalho à morte brutal. **Amazônia Real**, 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/dom-e-bruno-do-trabalho-a-morte-brutal/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DAMASCENO, A. R. S. Resenha do livro: A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 109-113, 2015. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v7i1p109-113.

DOM, Phillips e Bruno Pereira: O que se sabe sobre o desaparecimento até agora. **Estadão**, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/dom-phillips-e-bruno-pereira-o-que-se-sabe-sobre-o-desaparecimento-ate-agora/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

DOMÍNGUEZ, Juan. O impeachment depende da união da esquerda e da direita democrática; entrevista com Juliana Cardoso. **Mídia NINJA**, 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/o-impeachment-depende-da-uniao-da-esquerda-e-da-direita-democratica-entrevista-com-juliana-cardoso/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FÁVARO, Marina Andrade; SILVA, Tarcisio Torres. Design e ativismo indígena no Brasil. In: XV Simpósio Nacional da ABCiber, 2022, online. **Anais do XV Simpósio Nacional da ABCiber**. São Paulo: ABCiber, 2022. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1837>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GROYS, B.; LEITE, C. A. DE O.; OLIVEIRA, L. S. DE. Sobre o ativismo artístico. **REVISTA POIÉSIS**, v. 18, n. 29, p. 201-219, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/2004>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Layola, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Sp: Aleph, 2009.

JUSTIÇA nega pedido de liberdade a acusados por mortes de Dom e Bruno. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/28/dom-e-bruno-justica-nega-pedido-de-liberdade-a-acusados-dos-assassinatos.htm>. Acesso em: 01 abr. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARACCINI, Gabriela. Artista exprime sua origem indígena em obras empoderadas. **Claudia**, 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/artista-exprime-sua-origem-indigena-em-obras-empoderadas/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MERGULHÃO, Alfredo; ALFANO, Bruno; ROCHA, Carla. Bruno e Dom, duas forças que se uniram para defender indígenas. **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/06/bruno-e-dom-duas-forcas-que-se-uniram-para-defender-indigenas.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MILHOMENS, Lucas; GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e Amazônia: da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade. **Cadernos CERU**, série 2, vol. 29, n. 2, dez. de 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/43619137/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NETO, Francisco Lima. Artistas Indígenas criam ilustrações sobre o povo yanomami. **Folha de S.Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/artistas-indigenas-criam-ilustracoes-sobre-o-povo-yanomami.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2023.

PATER, Ruben. **Políticas do design**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

QUADROS, Itanel. Uma introdução ao jornalismo visual ou à tessitura gráfica da notícia. In: XXVII Congresso Brasileiro, Porto Alegre–RS. **Anais do XXVII Congresso Brasileiro**. Porto Alegre–RS: PUCRS. 2004. p. 01-10.

QUINTÃO, F. de S.; TRISKA, R. Design de informação em interfaces digitais: origens, definições e fundamentos. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 105–118, 2014. DOI: 10.51358/id.v11i1.243.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MONTARGIL, Gilmar. A verbo-visualidade na infografia jornalística: uma análise na perspectiva sociosemiótica. **Texto Digital**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 46-73, 4 ago. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2021.e81200>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/81200>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SALOMÃO, Taís Aline Baptista. **Indígena é indígena em qualquer lugar**: Design Ativista para a Resistência Indígena em Contexto Urbano. 2021. 207 p. Trabalho Conclusão de Curso (Bacharela em Design Visual) – Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/229751/001131263.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SATO, Fernando. Projeto Futuro do Presente, Presente do Futuro #93 – Jefferson Corsi: Forças e Potências do Agora e do Futuro. **Jornalistas Livres**, 2021. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-93-jefferson-corsi-forcas-e-potencias-do-afora-e-do-futuro/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SCORTEGAGNA, Laís Cerutti. Jornalismo cívico: a arte de fazer a democracia funcionar. **Revista da Graduação**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/18298>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Ricardo. O papel social do jornalismo cívico e a interação midiática entre o jornalista e as minorias sociais. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13169/1/artigo5vol12-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Tarcisio Torres. Alternativas imagéticas à economia da atenção: Design e ativismo no Brasil. **DAT Journal**, v. 6, n. 4, p. 156–172, 2021. DOI: 10.29147/datjournal.v6i4.498.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DESIGN DA INFORMAÇÃO (SBDI). Brasil, 2020. Disponível em: <http://www.sbd.org.br/definicoes>. Acesso em: 30 jul. 2023.

THE disappearance of Dom Phillips and Bruno Pereira. **The Guardian**, 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/audio/2022/jun/16/disappearance-dom-phillips-bruno-pereira-podcast>. Acesso em: 30 jul. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.